

## **FULMINANTE ERUDIÇÃO: NELSON RODRIGUES E A QUESTÃO DO INTELECTUAL**

Carla Cristina Fernandes Souto  
Doutoranda em Teoria da Literatura pela UFRJ

Como todas as questões que surgem na contemporaneidade, a configuração de um campo, seja de ação ou mesmo de definição do intelectual multiplica dúvidas, divide opiniões e teima diante de respostas permanentes. Quantos de nós, membros de uma conceituada instituição de ensino superior, possuidores de um nível de instrução com o qual a imensa maioria de nossos conterrâneos nem chega a sonhar, consideram a si mesmos intelectuais? Quantos de nós, com a mesma erudição, fogem horrorizados diante de tão grave título? Ainda há algum papel para o intelectual na cultura contemporânea? Como ficaram suas relações com o poder, com o mercado? Que tipo de representação política exercem? E os artistas, são ou não intelectuais?

O aspecto em que pretendemos trabalhar é a questão do intelectual, principalmente o brasileiro, na perspectiva de Nelson Rodrigues. Utilizaremos para tanto as suas crônicas, que nos dão uma visão muito particular da nossa sociedade e de seus intelectuais. Nesta altura nos interessam principalmente as relações com o poder, com a democracia, as posições e os discursos assumidos por estes intelectuais e pelo próprio artista que os retrata.

O título do trabalho, a “fulminante erudição” foi retirado da crônica “Uma banana como merenda”<sup>1</sup> onde Nelson retrata aquele tipo de intelectual que pode ser comparado a uma “catedral de pauzinhos de fósforos”, fala muitas línguas, leu tudo, cita tudo, mas não se aprofundou em nada e não elabora criticamente o que leu. É exatamente o contrário do especialista, embora a falta de comprometimento e a neutralidade assumida possam ser comparadas.

Há nas crônicas uma crítica às esquerdas brasileiras, principalmente no pensamento

---

<sup>1</sup> RODRIGUES, Nelson. *O óbvio ululante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 42-45.

corrente de que todo artista ou intelectual que se preze tem de obrigatoriamente ser um militante de esquerda. Nelson nos mostra que a opção política não proporciona inteligência e nem capacidade intelectual a ninguém e que principalmente o escritor deve se preocupar em escrever e não em fazer panfletagem.

Lembro do espantoso desfile dos Cem Mil. (...) Paramos diante da seguinte tabuleta: — INTELECTUAIS.

Nada descreve o nosso deslumbrado horror. Eis o que víamos: — 30 mil sujeitos. O raul Brandão interrogou um deles: — “Tudo aqui é intelectual?”. Resposta enfática: — “Tudo intelectual”. Voltou o Raul Brandão: — “Nelson, são todos intelectuais”. Ali, numa estimativa muito por baixo, poderíamos imaginar a presença de uns 10 mil romancistas, de 6 mil poetas, de 5 mil ensaístas etc. etc. (...) Percorri, livraria por livraria, perguntando: — “Tem saído muito romance brasileiro, muita poesia brasileira, muito ensaio brasileiro?” O balconista dizia-me com seu torpe realismo: — “Não tem saído nada”. Recuei como um agredido: — “Mas não é possível. Temos 30 mil escritores e eles não fazem nada”. Realmente, não faziam nada. A nossa literatura não escreve.<sup>2</sup>

É lógico que há um certo exagero de proporções e um tom demasiado cáustico nas críticas, mas é uma questão de estilo rodriguiano puro. O que ele não aceita é que todos tenham de pensar do mesmo modo: “Não ando em comissão, não assino manifestos, não entro em maiorias e não participo de unanimidades. Toda minha ação e a minha obra são estritamente pessoais e individuais.”<sup>3</sup> Nelson critica na verdade não a escolha ideológica, mas a pose, o “militante de boutique”. Para ele a ação política está na obra, na reflexão, estas sim, verdadeiras tomadas de posição diante da realidade social. Sem se arriscar a emitir uma frase, a dar uma opinião, o ser humano se falsifica e falsifica o mundo. O medo de parecer idiota, para ele presente em todos os intelectuais brasileiros, limita os discursos ao óbvio:

Frequentar certos lugares é uma maneira de ser intelectual ou socialista sem redigir uma frase e sem arriscar uma opinião. Do mesmo

<sup>2</sup> RODRIGUES, Nelson. “Inteligência invertebrada” in: *A cabra vadia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 246.

<sup>3</sup> RODRIGUES, Nelson. *Flor de obsessão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 85.

modo, o freguês do Paissandu (e pelo simples fato de ir ao Paissandu) toma uns ares de inteligência e de vanguarda. (...) E assim, falsários da vida, dos valores da vida, vamos fazendo as nossas poses políticas, ideológicas, literárias, religiosas etc. etc.<sup>4</sup>

O poder de promoção na mídia que os “intelectuais eletrônicos” da “festiva” possuem é para Nelson algo assombroso. Para que alguém seja lembrado e faça sucesso é necessário em primeiro lugar não o talento, mas um “atestado de ideologia”. Qualquer obra pode ser derrubada e enterrada caso não se curve às suas pressões. Desfilarmos em passeatas e xingar os Estados Unidos são requisitos básicos para se ter grandes sociólogos, romancistas, cineastas ou poetas. E muitas vezes o que se vê é um afastamento tão grande dos problemas realmente brasileiros que chega a parecer piada, como no caso em que um jovem na passeata carregava uma placa com a palavra “muerte”, como se não vivesse no Brasil e falasse português.

Claro que a esquerda tem direito de ser esquerda. O que lhe negamos é o direito de ser tão inepta, tão incompetente, tão irrealista, tão alienada do Brasil e, repito, tão antibrasileira. Examine-se um esquerdistas. Ele não chove uma chuva própria. Pensa “idéias feitas”, diz “frases feitas”, sente “sentimentos feitos”. Seu ódio aos Estados Unidos não é realmente um ódio, um sentimento, uma paixão. Não. É uma palavra de ordem. Se aqui faz calor, e nos Estados Unidos, frio, foi o imperialismo norte-americano que roubou a nossa neve e a faz chover como papel picado.<sup>5</sup>

Aqueles cuja única preocupação é o caso brasileiro também são alvos das críticas do nosso cronista, como no caso do bispo católico D. Helder Câmara e do líder intelectual católico Alceu Amoroso Lima, obsessivamente mencionados nas crônicas. O primeiro respondia sobre o amor livre com a fome no Nordeste e dizia que era perfeitamente cabível uma missa com reco-reco, pandeiro e tamborim, o segundo acabava de voltar de uma visita ao Papa e declarara que “durante os vinte séculos a igreja não foi senão uma lacaia dos privilégios mais hediondos”<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> RODRIGUES, Nelson. “A vítima obrigatória” in: *O óbvio ululante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.64.

<sup>5</sup> RODRIGUES, Nelson. “Dezoito quilômetros de mulher nua” in: *O óbvio ululante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 121.

<sup>6</sup> RODRIGUES, Nelson. “Os idiotas confessos” in: *A cabra vadia*. São Paulo: Companhia das letras, 1995. p. 212.

Nelson muitas vezes reconhece o valor intelectual de ambos, mas critica suas posições e declarações impiedosamente.

Todo esse discurso crítico com relação às esquerdas foi encarado de maneira óbvia como uma escolha pela direita, pelas posições reacionárias, o que nos provoca uma grande desconfiança, sendo Nelson avesso às opiniões unânimes. Para ele, “Há todo um Brasil para ser feito. Acontece que esse Brasil incriado é uma tarefa, sim, uma tarefa que ninguém quer assumir nem a tiro.”<sup>7</sup> E infelizmente o que vemos depois de algumas décadas não é muito diferente. A esquerda jamais conseguiu se unir em torno de lideranças capazes. A própria figura do líder, do herói, é algo desgastado e oco que não traz mais nenhuma promessa. O domínio dos especialistas e dos intelectuais eletrônicos apontou o fracasso do intelectual como modelo de confronto com o poder. As desigualdades progridem assustadoramente, como já previa Nelson:

É cada vez mais cruel a distância entre as esquerdas e o Brasil. De vez em quando vejo muros pichados com vivas a Cuba. Eis o que me pergunto, gelado de pavor: — “Vivas a Cuba e não ao Brasil?”. Nunca, até hoje, se sujou um muro brasileiro com um honesto e desesperado viva ao Brasil.

(...) Há todo um Brasil por fazer. E o ópio ideológico justifica e absolve a nossa deslavada ociosidade. Vamos dar vivas a Cuba e ninguém precisa mover uma palha, tirar uma cadeira do lugar.<sup>8</sup>

Já estava presente em Nelson a consciência do domínio esmagador e obsessivo da informação: “A INFORMAÇÃO nos persegue. Todos os sigilos são arrombados. Todas as intimidades são escancaradas.”<sup>9</sup> Quem detém o controle sobre as informações detém o poder e o caminho que mais tarde seria seguido pelos especialistas e intelectuais da mídia parecia profetizado quando Nelson dizia: “A inteligência pode ser acusada de tudo, menos de santa”,<sup>10</sup> “o

<sup>7</sup> RODRIGUES, Nelson. “A fome do Nordeste” in: *O óbvio ululante*. São Paulo: Companhia das letras, 1993. p. 132.

<sup>8</sup> RODRIGUES, Nelson. “O verdadeiro Cristo é Marx” in: *O óbvio ululante*. São Paulo: Companhia das letras, 1993. p. 212.

<sup>9</sup> RODRIGUES, Nelson. “Os que propõem um banho de sangue” in: *O óbvio ululante*. São Paulo: Companhia das letras, 1993. p. 169.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 168.

intelectual está sempre a um milímetro do cinismo”.<sup>11</sup>

Para finalizar o diálogo com as crônicas de Nelson Rodrigues, vamos nos deter em um aspecto da questão dos intelectuais que ainda não foi tocado: as suas relações com o teatro no Brasil. Na crônica “Os intelectuais corajosos”,<sup>12</sup> podemos encontrar algumas respostas fundamentais para a compreensão da opinião do nosso cronista. Ele comenta que “o aviltamento começou quando o intelectual se politizou. Já não bastava ser “poeta”, “romancista”, “ensaísta”, “dramaturgo”, “pintor”. Uma vez que a política é a linguagem do nosso tempo, o artista tem de sair da sua solidão criadora.”<sup>13</sup>

Na crônica “Só os idiotas respeitam Shakespeare”,<sup>14</sup> ironicamente Nelson declara que “Temos aí uma geração teatral inteligentíssima”.<sup>15</sup> Ele fala da vaidade intelectual de autores, atores e principalmente os diretores, que ele compara ao *copydesk* na sua imodéstia ao mexer no texto alheio. Nenhum texto, por mais consagrado que seja, escapa dos cortes, cacos e reescrituras que os diretores de teatro brasileiro promovem: “O sujeito vai ver o Sófocles, e não é o Sófocles; vai ver Shakespeare, e não é Shakespeare: e tampouco o Ibsen é Ibsen. Ninguém é ninguém, ou por outra: — é o diretor que anda por aí atropelando os textos eternos.”<sup>16</sup>

Na crônica “Aos inteligentíssimos diretores paulistas”<sup>17</sup> ele volta ao assunto, acrescentando que o diretor de *Beijo no asfalto*, ao dar uma entrevista altamente inteligente e profunda apregoava o fim da palavra. A resposta de Nelson mostra a profunda consciência de uma arte dramaturgica brasileira extremamente recente. E para derrubar alguma coisa é necessário que antes ela seja erguida:

---

<sup>11</sup> RODRIGUES, Nelson. “Os que propõem um banho de sangue” in: *O óbvio ululante*. São Paulo: Companhia das letras, 1993. p. 168.

<sup>12</sup> RODRIGUES, Nelson. *O óbvio ululante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 225-228.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 226.

<sup>14</sup> RODRIGUES, Nelson. *O óbvio ululante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 158-161.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 160.

<sup>16</sup> Ibid.

<sup>17</sup> RODRIGUES, Nelson. *A cabra vadia*. São Paulo: Companhia das letras, 1995. p. 123-126.

E cabe uma dúvida: — querem acabar com a palavra. Mas acabar com o que não existe? O teatro brasileiro não chegou à sua palavra, não inventou a sua língua. (...) primeiro, vamos fazer a nossa Palavra para assassiná-la, depois, com rútilas patadas.<sup>18</sup>

O Teatro de Arena também é alvo dos comentários rodriguianos sobre a pretensa intelectualidade dos artistas ligados ao teatro. Na crônica “Ama-se, trai-se, mata-se “pra frente””<sup>19</sup> o cronista observa a humildade do brasileiro fazendo uma ressalva: “somos todos humildes menos o autor teatral. (...) O sujeito que, aqui, faz uma peça é capaz de tudo. Toma-se de uma autopaixão, de um narcisismo homicida.”<sup>20</sup> Outro comentário irônico sobre o Teatro de Arena é que “Qualquer bate-papo, lá, chama-se “laboratório”; outro bate-papo é “seminário”. E, em cada metro quadrado, há um autor.”<sup>21</sup> Nelson sempre menciona o fato de as pessoas julgarem a qualidade intelectual pelo ambiente que freqüentam.

O ataque ao modismo e aos diretores paulistas não impede que Nelson escreva uma crônica para defender Augusto Boal na ocasião em que este foi preso, e não só é uma defesa, mas um grande elogio. Nelson acreditava que o teatro exigia exclusividade, dedicação, e conta que Boal vivia imaginando peças, personagens, histórias, e que era um artista de integridade irreduzível. Na crônica “O artista Augusto Boal”<sup>22</sup>, Nelson critica a posição de que nada de novo se pode fazer no teatro, defendida pelos que chama de “idiotas da objetividade”. O nosso dramaturgo define o teatro como uma “arte por fazer”, uma “arte que ainda está sendo feita”. Ele entende que tudo se pode fazer de novo e que o que se espera dos seus realizadores é toda sorte de originalidades. O que ele não concorda no problema da originalidade é que se confunda uma questão de criação artística com espetáculos pretensamente inovadores que no fundo nada dizem.

---

<sup>18</sup> RODRIGUES, Nelson. “Aos inteligentíssimos diretores paulistas” in: *A cabra vadia*. São Paulo: Companhia das letras, 1995. p. 126.

<sup>19</sup> RODRIGUES, Nelson. *A cabra vadia*. São Paulo: Companhia das letras, 1993. p. 111-114.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 112.

<sup>21</sup> Ibid.

<sup>22</sup> Ibid. p. 188-190.

Eis o que importa observar: — o novo teatro já não corre qualquer risco de incompreensão. Imagino a amarga perplexidade do leitor. Realmente, custa a crer que a novidade não cause o impacto da novidade; que a surpresa passe sem surpresa, e que o público aceite o nunca visto com a mais cordial naturalidade.

Qualquer novidade em teatro tem de exigir do espectador uma lenta, progressiva acomodação visual e auditiva. O sujeito está vendo e ouvindo o que nunca viu e ouviu, o que desafia toda a sua experiência e todo o seu raciocínio. Portanto, uma incompreensão inicial é obrigatória. E, de mais a mais, por que a obra de arte há de ser de uma transparência burríssima?

E as novas tentativas teatrais não insinuam nenhum mistério, não sugerem nenhuma dúvida. Falar em Artaud, aqui, seria monstruoso. Que distância infinita, milenar, separa *Roda viva* de Artaud. Mas o que eu dizia é que nem *Roda viva* nem *Rei da vela* conseguiram a homenagem de uma incompreensão.<sup>23</sup>

Além de salientar que nem sempre novidade é sinal de qualidade, comparando Artaud a essa geração do teatro brasileiro, Nelson mostra uma outra face do problema, que vai se agravando no horizonte contemporâneo: a falta de sensibilidade das pessoas, o fato de ninguém mais se espantar com os acontecimentos mais degradantes e violentos. O que já era sintomático passou a ser normal. Cenas fictícias nem de longe chegam à crueldade da realidade, que é mostrada brutalmente nas telinhas, como o caso do seqüestro do ônibus, em que o crime foi acompanhado como se ficção fosse e inúmeros outros.

Terminamos com muito mais questões sobre a relação entre os intelectuais e o teatro do que quando iniciamos. Será que os artistas de teatro atuais se consideram intelectuais? Hoje não fazem mais passeatas, estarão criando mais? A busca da novidade ainda permanece? Será que os intelectuais eletrônicos dominaram tudo, rendendo bilheteria somente com produtos fabricados pela mídia? Qual é o destino da dramaturgia brasileira? Há ainda pensadores que como Nelson dela se ocupem, ou todos os lugares estão vazios?

---

<sup>23</sup> RODRIGUES, Nelson. “Hamlet nos bate a carteira” in *O óbvio ululante*. São Paulo: Companhia das letras, 1993. p. 128.